

## ***THE YELLOW WALLPAPER: UM QUESTIONAMENTO À OPRESSÃO DA MULHER.***

Célia Regina Santos  
UFSC/UEM

Enquanto um número significativo de mulheres trazia para a atenção do público a questão dos direitos iguais entre homens e mulheres, através dos movimentos pelos direitos ao voto, de 1850 até o final do século dezenove muitas outras entenderam que somente a emancipação política não lhes daria igualdade socioeconômica. Uma das dificuldades para esta emancipação era a ideologia patriarcal da época sobre o corpo da mulher. Áreas de domínio masculino como a moda, as editoras, a medicina, e a educação, encorajavam coletivamente a sociedade a aceitar convenções sobre a anatomia física e capacidade mental da mulher. Tais noções serviram para confinar a mulher americana do século XIX ao seu corpo, suas fraquezas e limitações, afetando, em muitos casos, a saúde física e mental de muitas mulheres da época. Diante desta situação, restava às mulheres contra-argumentar tais ideologias.

O historiador Barker-Benfield<sup>1</sup> sugere que o receio e ao mesmo tempo hostilidade masculina em relação à possibilidade da mulher ganhar poder social e econômico motivou muitos homens a criar noções de que a mulher, devido à natureza de seu corpo e mente, era inerentemente fraca. Relegar a mulher à esse status de inferioridade e rotulá-la como “o sexo frágil” reduziria a ameaça da mulher ao domínio masculino. Portanto, um dos pontos de partida do movimento feminista americano foi contra-argumentar as noções do aprisionamento feminino ao seu corpo.

É neste contexto que nos encontramos com a metáfora da mulher oprimida, presa no papel de parede, imagem criada por Charlotte Perkins Gilman em *The Yellow Wallpaper*<sup>2</sup>, escrito em

---

<sup>1</sup> Showalter, E., Showalter, E. “Victorian Women and Menstruation.” *Suffer and Be Still*. Ed. Martha Vicinus. Bloomington: Indiana UP, 1973.

<sup>2</sup> Gilman, C. P. “The Yellow Wallpaper”. *The Heath Anthology of American Literature*. Vol. 2, 761-773, 1990.

1892, sobre a condição do aprisionamento físico e mental da mulher de sua época. O conto é um manifesto feminista que mostra o trabalho de uma mulher extraordinária que lutou a maior parte de sua vida contra os códigos sociais de uma sociedade americana restrita ao poder masculino. Gilman desenvolveu um conceito controverso sobre o que é ser mulher. Usando sua própria experiência dentro do sistema patriarcal de sua época, Gilman redefiniu o 'ser' feminino partindo de sua visão de que a mulher deveria buscar ser autônoma dentro dos conceitos e valores da família, lar, religião, comunidade, capitalismo e democracia.

Durante a maior parte de sua vida, Gilman esteve profundamente envolvida com a política e publicou romances, contos e ensaios críticos, nos quais sua visão sobre o lugar da mulher na sociedade são explícitos. Gilman fez parte de um grupo de feministas americanas bastante ativo no final do século XIX, cujos textos compartilhavam o tema comum sobre as mulheres que não tinham direitos iguais na sociedade. Gilman, em particular, advogava uma nova ordem econômica e social, a qual acreditava somente ser possível tornar-se realidade a partir do momento que as mulheres tivessem acesso à educação e passassem a envolver-se nos movimentos feministas de sua época.

No campo literário, usando sua própria experiência como escritora dentro de um sistema de hegemonia masculina, Gilman escreveu com o sério propósito de transformar a sociedade através da educação de outras mulheres. Ela via a educação tão importante quanto a democracia e buscava, através do conhecimento e informação, criar uma sociedade mais democrática. Em *Forerunner*, um periódico criado em 1910 e mantido pela própria escritora por sete anos, Gilman diz que o objetivo da educação da mulher deveria ser ensiná-la a ver com seus próprios olhos, a entender e relacionar idéias, a recusar mitos e meras repetições da opinião masculina. Através de sua carreira ela trabalhou em prol de leis que ajudaram as mulheres a tornarem-se indivíduos autônomos. Gilman acreditava que a verdadeira liberdade feminina só se tornaria completa

quando todas tivessem oportunidades de usar seus conhecimentos para estabelecer sua independência social e econômica<sup>3</sup>. A escrita de Gilman sobre as tensões e lutas entre o casamento e a carreira, expectativas sociais e alvos pessoais da mulher ainda têm um impacto nas nossas decisões hoje. Suas idéias têm um lugar não só na discussão do feminismo mas também dentro da história educacional.

Nascida em 1860, Gilman tornou-se uma intelectual em uma sociedade onde a educação era privilégio masculino. Após o nascimento de sua filha ela sofreu depressão pós-parto, não reconhecido como tal na época em que Gilman escreveu o conto, e submeteu-se a um “tratamento de descanso” desenvolvido pelo doutor Weir Mitchell da Filadélfia. Tal tratamento era aplicado em sua maioria à pacientes sofrendo de histeria—termo ligado especificamente à pacientes do sexo feminino. O doutor Mitchell pregava a reclusão completa, controlava a vida e até mesmo as visitas permitidas aos seus pacientes, e era bastante rígido quanto ao descanso. O médico e pesquisador acreditava que anseios intelectuais, literários e artísticos eram prejudiciais à saúde mental feminina e sua vida familiar. A receita prescrita à Gilman pelo Dr. Mitchell recomendava: “Viva uma vida doméstica tanto quanto possível. Tenha sua filha sempre perto de você. Deite-se uma hora após as refeições. Tenha no máximo duas horas de produção intelectual por dia. Nunca mais toque em uma caneta, pincel ou lápis”. Gilman mais tarde disse que o propósito principal de sua estória era alcançar Dr. Mitchell e convencê-lo do erro de seu tratamento, pois o mesmo quase a tornou insana. Ela somente curou-se quando abandonou o tratamento, saiu de casa, deixando a filha com o marido, e envolveu-se em movimentos sociais de sua época.

Vale ressaltar que os sintomas mais comuns da esquizofrenia, doença relacionada à histeria feminina, estudada pelo Dr. Mitchell, são aqueles que afetam o comportamento, a

---

<sup>3</sup> De Simone, D. M. “Charlotte Perkins Gilman and the Feminization of Education. *WILLA*, Vol. IV, 13-17, 1995.

afetividade e o pensamento. Os fatores principais que afetam essas áreas acometidas pela doença são os delírios e as alucinações. Os delírios sugerem falsa interpretação da realidade, mais comumente com temas de perseguição e prejuízo ao paciente, o que são percebidos pelas pessoas mais íntimas do esquizofrênico. As alucinações mais comuns são as do tipo auditivas e visuais. As do tipo auditivas são consideradas como “vozes do pensamento”, como se fossem elementos externos, influenciando as sensações do paciente. Gilman, porém, usa as alucinações visuais através das quais a narradora descobre a sua verdadeira condição.

Assim, o conto *The Yellow Wallpaper* trata-se também da luta de uma mulher contra o pensamento centralizador masculino e suas convenções e normas sociais. Neste conto podemos entender melhor as alusões feministas de Gilman. Ela cuidadosamente criou frases e metáforas para formar uma imagem clara sobre a opressão masculina de sua época. Sua descrição gótica da casa nos remete ao passado como uma referência à práticas de tratamento às mulheres. Ao usar estas imagens, Gilman alude à práticas de opressão que, em sua mente, deveriam ser deixadas no passado. O conto age como um alerta às mulheres passivas ao controle masculino, revelando que a opressão no lar não só poderia colocar em risco o senso de identidade da mulher mas também sua sanidade.

Brevemente, a história é narrada pela protagonista que nos revela ser casada com um médico chamado John, o qual acredita que descanso e relaxamento deveriam ajudar sua esposa a melhorar sua “condição nervosa”. Assim, ele a leva para uma mansão para descansar por algumas semanas. Neste período, John não a deixa expor-se a nenhuma forma de estímulo e nem mesmo tomar suas próprias decisões. Consequentemente, a condição da narradora piora e ela sofre um colapso mental, tendo alucinações que a levam a ver, na estampa do papel de parede do quarto onde está confinada, uma mulher presa atrás de barras de ferro. De uma certa forma, esta mulher consegue sair desta condição de aprisionamento, ajudada pela protagonista.

A superfície do texto nos traz elementos relevantes às percepções de Gilman sobre a situação da mulher na sociedade de sua época. Sua narradora, e também personagem principal, revela-se através das páginas iniciais como uma mulher da era vitoriana—fiel e obediente ao marido, dependente do mesmo e sem articulação alguma. Ela se culpa por sentir-se doente, criticando-se o tempo todo por seu estado de nervos delicado. Apesar de discordar do pensamento de seu marido e do irmão, também médico, ela concorda com um tratamento para sua depressão porque seu marido assim o deseja.

O ponto importante do tratamento imposto pelo marido está no fato de ele proibi-la de escrever até que fique curada. Aqui ele exerce seu controle não só de marido mas também de seu médico e figura paternal, pois sempre refere-se à esposa como se esta fosse uma criança. Esta estratégia faz com que ela se torne insegura e duvide de sua capacidade e de seu direito de liberdade de expressão. Frases como: “não há razão para sentir-se assim”; “deixe de lado estas fantasias tolas”; “realmente, querida, você já está melhor”; “você não confia em mim?”, a deixam insegura em relação aos seus sentimentos e desejo de ser ouvida. Assim, ela sucumbe às vontades do marido, acreditando que este só quer o seu bem. Isto, porém, somente a torna mais dependente de John e conseqüentemente a torna mais insana à medida que a estória se desenvolve. Como vemos, o marido-médico a mantém reclusa em um quarto, com grades na janela, e cuja chave permanece sob o seu controle ou o de sua irmã. Jenny é um modelo de mulher da época, a qual a narradora acredita dever admirar. Assim, ela é feita prisioneira dentro de seu próprio casamento e o texto aponta para a condescendência da atitude masculina que vê a mulher como frágil e dependente.

O papel de parede, porém, é a chave da estória e é nele que encontramos as melhores descrições e metáforas para a discriminação e opressão da mulher. Com paciência e ênfase Gilman expõe mais e mais o significado metafórico do papel no decorrer do texto: o papel

simboliza a autoridade masculina. O fascínio da personagem pelo papel gasto e de estampas não atraentes começa como uma irritação inocente, torna-se um passatempo e cresce em forma de obsessão. A beleza da estória, porém, é que sua construção é muito sutil e somente após reflexão os símbolos do papel de parede podem ser vistos.

A princípio, a narradora não consegue reconhecer as imagens criadas pela estampa do papel e sofre para descobrir o quê ou quem está por trás de sua estampa de flores e hibiscos amarelados. À medida que a narradora personifica o papel de parede observamos que o mesmo torna-se um espelho simbólico da própria mulher que o observa e descreve—ela mesma. Sua crescente alucinação é uma metáfora para o seu desejo inconsciente de rebelião contra o marido e as convenções do casamento. Seu esforço para libertar a mulher que vê na estampa do papel simboliza sua própria luta por independência.

Aos poucos as formas vão tornando-se claras e a mulher que a narradora vê presa atrás de grades começa a forçar as barras de sua prisão e a engatinhar como um criança. É neste momento que a mulher-escritora vê que pode escapar de seu confinamento. Para libertar a mulher imaginária ela rasga o papel de parede e engatinha ao redor do quarto apesar do clamor do marido John, acreditando ter libertado-se finalmente. Haney-Peritz<sup>4</sup> aponta que tal gesto indica a transformação simbólica do eu da narradora. A imagem final do texto mostra uma conjunção que sugere que a protagonista identifica-se com a mulher das sombras do papel de parede.

Gilman certa vez escreveu que a subordinação da mulher somente acabará quando elas lutarem por sua própria autonomia, libertando assim, não só a elas mesmas mas aos homens também, pois estes também estão presos às convenções patriarcais. Gilman adiciona uma visão feminina às convenções que envolvem a idéias de propriedade e casamento ao insinuar

---

<sup>4</sup> Haney-Peritz, J. "Monumental Feminism and Literature's Ancestral House: Another Look at 'The Yellow Wallpaper'". *Women's Studies*. 12:113-128, 1986.

metaforicamente o tema da mulher como prisioneira em seu próprio lar. Apesar do fim trágico, porém simbólico, em sua insanidade a narradora afasta-se da hegemonia masculina buscando sua individualidade. Apesar de muitos críticos terem apontado o final do conto como uma forma de vitimização da mulher através da loucura, o texto representa claramente o momento de individualização e de triunfo da protagonista. Assim, *The Yellow Wallpaper* não é somente uma representação da situação da mulher em uma cultura patriarcal mas também um modelo de práticas de leitura e escrita feminina.